

URBANISMO TROPICAL UNIVERSAL:

modos de pensar e difundir manuais no início do século XX

EIXO TEMÁTICO 01: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no

Urbanismo

CERASOLI, Josianne F.

Doutora em História; Unicamp

cerasoli@unicamp.br

RESUMO

Como o urbanismo, um saber fortemente inserido em aspectos práticos e tangíveis da vida urbana, pode reivindicar um caráter universal e ao mesmo tempo se ver decisivamente enredado em tramas coloniais? Esta é a pergunta-chave que norteia a pesquisa sobre os primeiros manuais de urbanismo difundidos nas primeiras décadas do século XX, entendidos como peças-chave na difusão dos princípios do novo campo conceitual e prático de apreensão e intervenção na cidade nos anos 1920. Apesar de circularem amplamente entre as bibliotecas especializadas, seria impreciso entender essa difusão como neutra, tanto considerando seus fundamentos quanto seus usos e desdobramentos. A partir disso, este estudo problematiza a difusão/circulação de uma obra de Édouard Joyant selecionada entre outras que foram publicizadas no período de configuração do campo conceitual e profissional do urbanismo.

Palavras-chave: urbanismo; colonialismo; tratados.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

How can urban planning — a field of knowledge deeply tied to the practical and tangible aspects of urban life — claim a universal character while at the same time finding itself decisively entangled in colonial narratives? This is the key question guiding this research on the first urban planning manuals published in the early decades of the 20th century, understood as pivotal texts in the dissemination of the principles of the new conceptual and practical field of understanding and intervening in the city during the 1920s. Although they circulated widely among specialized libraries, it would be inaccurate to view this dissemination as a neutral process, given both their underlying principles and their uses and implications. Based on this, this study examines the dissemination and circulation of a Édouard Joyant's selected work among others that were published during the period when the conceptual and professional field of urban planning was taking shape.

Keywords: Urban planning; Colonialism; treatises.

RESUMEN

¿Cómo puede el urbanismo, una disciplina estrechamente ligada a los aspectos prácticos y tangibles de la vida urbana, reivindicar un carácter universal y, al mismo tiempo, verse decisivamente enredado en tramas coloniales? Esta es la pregunta clave que orienta la investigación sobre los primeros manuales de urbanismo difundidos en las primeras décadas del siglo XX, considerados piezas clave en la difusión de los principios del nuevo campo conceptual y práctico de comprensión e intervención en la ciudad en la década de 1920. A pesar de que circularon ampliamente entre las bibliotecas especializadas, sería inexacto entender esta difusión como una acción neutra, tanto si se tienen en cuenta sus fundamentos como sus usos y repercusiones. Partiendo de ello, este estudio analiza la difusión y circulación de una obra de Édouard Joyant seleccionada entre otras que se publicaron durante el periodo de configuración del campo conceptual y profesional del urbanismo.

Palabras clave: urbanismo; colonialismo; tratados.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Como o urbanismo, um saber fortemente inserido em aspectos práticos e tangíveis da vida urbana, pode reivindicar um caráter abrangente, capaz de ser traduzido e compreendido em distintos modos de organização social e política? O que torna possível traduzir pensamentos, conceitos, diagnósticos e modos de intervir em cidades na forma de diagnósticos e propostas aplicáveis universalmente? Como seria plausível sintetizar os preceitos do urbanismo, em meio a debates e práticas distintas, em orientações e manuais intercambiáveis em diferentes contextos históricos – ou em diferentes latitudes e distâncias?

Este estudo reúne uma série de indagações a respeito dessa problemática, tomando como ponto de partida publicações da área do urbanismo difundidas nas décadas iniciais do século XX. Tem como espaços de investigação em especial as bibliotecas especializadas que se formavam no Brasil desde o final do século XIX, atentas a questões técnicas, como aquelas do campo do sanitarismo, da engenharia, da medicina, da arquitetura, que preocupavam a gestão da vida urbana em tantas cidades diferentes.

A situação permite observar a convergência de alguns contextos pontuais: a instalação de novas instituições para formação de engenheiros e arquitetos no Brasil; a difusão de discursos modernizadores alinhados a ideias republicanas no país, coincidindo com projetos uma busca de sincronia desses projetos com pautas tidas como de progresso; ampliação de diálogos e trocas entre os campos disciplinares voltados a intervenções na cidade e um momento crucial na configuração do campo disciplinar do urbanismo. Tais convergências permitem observar, a partir do Brasil, dinâmicas que não se restringiam a algum ponto do planeta, sob qualquer ângulo que se observe.

Os conjuntos de publicações, entre periódicos e manuais, constituem ao mesmo tempo as bibliotecas e os repertórios de referências de um campo profissional em formação. Esse processo se dava no país, mas não se restringia a ele. Pode-se dizer que eram debates conectados, ou que colocavam em conexão diferentes experiências. E é justamente pela diferença, entendida como um possível obstáculo ao universalismo proclamado em tratados e manuais, que a investigação a partir do Brasil pode ser mais significativa. Esses acervos poderiam figurar em outras bibliotecas similares no Chile, na Colômbia, na Argélia, no Líbano, no Canadá ou na Bélgica, apenas para citar algumas localidades que participavam ativamente desse debate, que se intensificava em congressos profissionais, em anais de encontros e em publicações especializadas.

PENSAR FORA DO EIXO

Neste cenário, este estudo localiza as publicações que aos poucos passaram a constituir as prateleiras das bibliotecas especializadas, em suas traduções e seus usos diversos, inclusive para a formação profissional e para referenciar o debate público sobre as formas de lidar com a questão urbana. As bibliotecas selecionadas no estudo estão situadas no Brasil, e dificilmente poderia evitar ser especulativo um estudo que buscasse uma abrangência universal. Mas da maneira como se compreende as dinâmicas do próprio campo disciplinar em formação no início do século XX é também difícil imaginar essas dinâmicas sem estarem reiteradamente conectadas. Esse entendimento orientou o recorte da pesquisa, a seleção das bibliotecas, a escolha dos manuais e o olhar atento para um deles.

É importante situar brevemente o contexto desses debates em termos de publicações antes de deter a atenção em uma dessas obras selecionada sobretudo pela experiência profissional que mobiliza, a partir da atuação do engenheiro francês Édouard Joyant (1872-1953) no norte da África. O tratado de Joyant é incorporado prontamente aos acervos, mas não está sozinho nessas bibliotecas no início do século XX. Importa neste estudo contextualizar essas escolhas, indagar essa prontidão, situar as pautas mobilizadas nesses debates e, como problemática de fundo, aprofundar a compreensão acerca das intersecções temáticas e políticas implicadas nesses processos.

1 ENTRE TRADUÇÕES E PERMANÊNCIAS: EM QUE TERMOS?

Uma das obras quase sempre presentes nos acervos das bibliotecas especializadas, ao lado de Joyant, é o *Town planning in practice*, obra editada originalmente em Londres em 1909, localizada nas bibliotecas especializadas em diversas edições desde 1913, seja na versão original ou nas traduções publicadas na França desde 1924, na Itália, em 1971, e na Espanha, em 1984.

Como é usual em uma obra tida como pioneira de um campo de estudos e de práticas, traduzida em diversos idiomas e contextos, a publicação de Sir. Unwin é mobilizada em muitos debates. Mesmo bem depois de sua publicação original, pouco mais de cem anos após a primeira publicação do livro do engenheiro Raymond Unwin (1863-1940) sobre a prática do urbanismo, *Town planning in practice: an introduction to the art of design cities and suburbs*, tem publicada mais uma tradução para o francês, em 2012. O novo prefácio reitera tanto as repercussões da obra quanto a relevância do estudo de Unwin para um campo de conhecimento então em formação sobre a cidade, entre debates, saberes e novas práticas. Além disso, deixa apontamentos importantes a respeito das

PENSAR FORA DO EIXO

escolhas implicadas nas traduções desse tipo de obra, sinalizando o quando uma linguagem tida com técnica e supostamente neutra pode ser imprecisa ou flexível.

Esta não é a única justificativa apresentada para se revisitar a tradução, que retoma cuidadosamente a versão francesa dos anos 1920 feita pelo estadunidense William Mooser (1893-1969) e revista pelo francês Léon Jaussely (1875-1932), ambos arquitetos, e a compara a outra feita por Henri Sellier (1883-1943), administrador e político socialista reconhecido por sua importante atuação sobretudo no campo da habitação social na França. A relevância da nova tradução está baseada na grande repercussão que provoca desde os primeiros anos, mas, especialmente nesse caso, nas discrepâncias entre as traduções, que deixam indícios significativos de um campo em formação e de diferenças entre culturas políticas e urbanas distintas.

O próprio Jean-Pierre Frey (2013), autor do prefácio à tradução francesa de 2012, detalha as trajetórias das publicações e versões, retomando parte dos debates e principalmente aspectos expressivos das diferenças entre os textos. Como exemplo das distâncias, assinala a preferência por expressões distintas desde o título da obra: o original *Town planning in practice* [planejamento urbano na prática] aparece em Mooser como *L'étude pratique des plans de villes* [o estudo prático dos planos das cidades] e em Sellier como *Le pratique de l'aménagement des villes* [o planejamento das cidades], entre tantas outras escolhas que denotam sentidos diversos, como *civic art* [arte cívica] traduzido pelo primeiro como *art public* [arte pública] e no segundo como *art social* [arte social], e *civic life* [vida cívica] respectivamente como *vie sociale* [vida social] e *vie civic* [vida cívica]. Frey aprofunda em detalhes essa comparação, preocupado em inquerir as distâncias observadas para mapear um provável debate.

Ao explorar a interessante leitura de Frey, sublinhando o ineditismo desse estudo, Cléménçon (2014) chama atenção para algo muito importante para se investigar e compreender esse período crucial para a formação do campo de conhecimentos e de práticas do urbanismo. A tradução de Sellier, que é tomada como base para a edição de 2012 do clássico, parece “mais sóbria e mais próxima dos modos de pensar e das preocupações operacionais dos meios urbanísticos franceses”, o que para Frey marcaria “diferenças reais de cultura política e urbana”.

Tais observações compartilhadas por ambos a respeito dessa obra central para se compreender a formação, consolidação e difusão dos preceitos do urbanismo chama atenção para o presente estudo, atento aos trânsitos e aos limites de guias e manuais de urbanismo na época das primeiras edições e traduções da obra. A partir delas, é reforçada e ampliada a pergunta inicial: como e em

PENSAR FORA DO EIXO

que termos podem ter sido firmadas as bases de um saber supostamente universal sobre a organização do espaço e da vida urbana?

É com esta questão em mente que se propõe investigar um dos manuais de urbanismo mais difundidos do período, embora não o mais lembrado *a posteriori*, discutindo-se com maior atenção um aspecto que parece distingui-lo, entre outros: o fato de vincular-se fortemente a experiências coloniais no continente africano. É a partir desse perfil que se enuncia o título deste texto, na forma de uma questão: seria possível um urbanismo colonial universal?

2 UM MANUAL TRANSATLÂNTICO

Como motivação de fundo, devo dizer logo de início que o plano vai além do tema dos manuais de urbanismo. Este estudo pretende situar-se entre outras contribuições para o estudo das relações transatlânticas multidirecionais, focalizando o momento de formação do urbanismo como campo disciplinar e profissional, e desse modo também compreender melhor em que termos podemos reexaminar as múltiplas e desiguais relações entre Europa, América e África sem desconsiderar perspectivas críticas às heranças coloniais.

Para isso, busco situar o tratado de urbanismo difundido a partir de sua primeira publicação em 1923 esclarecendo suas relações com outros manuais, outros profissionais e outros "urbanismos" do período. Antes disso, busco situar como o tratado acabou se mostrando um objeto significativo para as pesquisas que tenho desenvolvido entrecruzando política, história e cidade.

O manual selecionado faz parte do acervo da Biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo, a segunda instituição de ensino superior criada no Brasil para garantir a formação de engenheiros. Foi fundada em 1893 pelo governo republicano, iniciado quatro anos antes, em 1889. Além da Politécnica paulista, também existiam no período a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e o Mackenzie College, em São Paulo, todas instituições de ensino superior dedicadas à formação de diversas especialidades da engenharia, inclusive dos engenheiros-arquitetos, no caso das paulistas. Para formação profissional de arquitetos, existia também a escola Nacional de Belas Artes, que nos anos 1930 acolheria os primeiros debates formais de urbanismo em nível superior.

O manual de Joyant foi localizado em meio à investigação sobre a trajetória da Escola Politécnica e sobre a composição de um repertório de publicações utilizadas para a formação de seus estudantes nas primeiras décadas da instituição. Essas duas pesquisas são parte da investigação

PENSAR FORA DO EIXO

sobre as teorias e as formas urbanas, ou seja, sobre como pensamos e produzimos o espaço urbano a partir de bases conceituais e profissionais. Além de estar presente na biblioteca histórica da Politécnica paulista, também há registro de dois exemplares na biblioteca formada na Politécnica do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.¹). Nas bibliotecas da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e em São Paulo, não foram localizados exemplares de Joyant, e na instituição paulista foram localizadas sobretudo obras posteriores aos anos 1940, numerosas edições de Corbusier, e uma apenas de Camilo Sitte na tradução espanhola (Barcelona: Canosa, 1926). No conjunto dessas pesquisas sobre teorias e formas urbanas, os manuais acabam figurando como um modo importante para se explorar certos elos entre saberes especializados e projetos sociais mais amplos. Busca-se estudar as relações entre urbanismo, cidade e política, ao mesmo tempo em que se propõe problematizar essa difusão/circulação de obras técnicas. Nesse caso, a partir da investigação que considera a difusão e a recepção de uma obra específica.

A preocupação central nesse caso está menos nas eventuais qualidades técnicas da obra, mas nos usos por ela provocados, sobretudo por tratar-se de um manual, ou seja, de um material inserido no debate como prescritivo. Entre os caminhos para se acompanhar os entrecruzamentos entre as pautas de um urbanismo em formação, parece ser estratégico analisar os manuais elaborados para sistematizar conhecimentos e práticas nos anos 1920.

Peças-chave na difusão dos princípios do novo campo conceitual e prático de apreensão e intervenção na cidade, tais manuais são usualmente nomeados como cursos ou tratados de urbanismo. São inseridos no debate do campo profissional como estratégias de consolidação do campo e como vias indiretas de difusão de ideários comprometidos com hierarquias e relações de poder. Apesar de serem amplamente difundidos entre as bibliotecas especializadas em diferentes locais, seria impreciso ou mesmo impróprio entender essa difusão como neutra, como mera

¹ A obra não está registrada no acervo do Mackenzie, mas há dois exemplares no Rio de Janeiro, atualmente depositados na Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ (doação não identificada) e na Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia da UFRJ. Conforme consulta ao bibliotecário Paulo Duprat, o exemplar da 1ª edição de Joyant ingressou no acervo da Biblioteca do Diretório Acadêmico da Universidade do Brasil em 1952. Por ocasião da conversão da Universidade do Brasil para Universidade Federal do Rio de Janeiro, passou a fazer parte do acervo na Biblioteca da Escola Politécnica da UFRJ em 1977 (biblioteca posteriormente rebatizada para Biblioteca do Centro de Tecnologia da UFRJ). Em ocasião posterior, a obra foi destinada ao acervo da Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia devido à sua raridade. Na biblioteca do Mackenzie, onde também havia um curso de engenheiro-arquiteto, foram localizados apenas os seguintes manuais: Pierre Louis Leon Lavedan, *Qu'est-ce que l'urbanisme?* (Paris: Laurens, 1926) e *Urbanisme*, de Le Corbusier (Paris: CRES, 1924).

PENSAR FORA DO EIXO

"circulação", seja considerando seus fundamentos seja observando seus usos e desdobramentos. São esses os contextos e indícios que circundam a obra de Joyant neste estudo.

Selecionada entre outras obras que foram publicizadas e estudadas no período de configuração do campo conceitual e profissional do urbanismo, o destaque desse manual ou tratado de urbanismo não se dá, como no caso do referido manual prático de Unwin, pela permanência e constância como material tantas vezes referenciado no urbanismo e nos estudos históricos sobre sua formação. Talvez seja exatamente pelo sentido oposto: trata-se de um manual difundido com tanta eficiência nos anos iniciais de sua publicação e presente em várias instituições, mas nem sempre citado, mesmo quando colocado ao lado de outros autores da época, como René Danger (1872-1954), urbanista autor de uma obra que compartilhou parte de seu repertório de exemplos com Joyant.

O percurso da análise não se propõe a ser exaustivo. Será mais propositivo que denso, e buscará avançar nas camadas possíveis para leitura passo a passo do manual de urbanismo, tendo no centro das análises uma publicação com expressiva difusão e atualizações em edições consecutivas. O passo a passo pretende situar esses *entrelugares* do manual: um livro entre outros; um profissional entre projetos; um manual entre urbanismos; um urbanismo entre ideários, um oceano entre experimentos e prescrições.

3 UM LIVRO ENTRE OUTROS

Um olhar de conjunto sobre esses primeiros manuais incorporados a acervos de bibliotecas especializadas no Brasil permite problematizar essa circulação de saberes e essa difusão de práticas de apreensão e intervenção em cidades. As primeiras publicações sobre o tema incorporadas à formação dos profissionais na Escola Politécnica de São Paulo foram introduzidas no acervo antes de existir uma disciplina formal de urbanismo na escola. Os temas correspondentes ao que seria posteriormente incorporado ao estudo formal do urbanismo era tratado nas seguintes cadeiras: Hidráulica urbana e saneamento das cidades, "Arquitetura das cidades" (parques, jardins, vias e praças públicas, como definia o regulamento de 1917) e mais tarde, "Estética, composição geral e urbanismo", como registra o regulamento da Politécnica de 1931. Ainda que não houvesse uma disciplina formalmente dedicada ao tema, o longo da década de 1920, os manuais e publicações similares voltados ao tema do urbanismo foram incorporados ao acervo da Biblioteca da Politécnica sempre imediatamente após sua divulgação, sinalizando tanto a eficiência da difusão quanto o interesse da instituição a respeito do tema.

PENSAR FORA DO EIXO

Embora não seja sempre possível identificar no acervo a origem e o momento exato da incorporação dos livros à Biblioteca, algumas marcas visíveis nos exemplares do acervo permitem confirmar como prática frequente a aquisição dos volumes tão logo eram editados. Entre os manuais disponibilizados aos politécnicos até o início dos anos 1930, estão: Sitte, Tiggs, Mawson, Garnier, Ford, Crozat, Jullerat, Nassely, Danger, Poëte, Chiodi, Unwin e Joyant. Raramente é possível, com os dados existentes hoje na biblioteca, rastrear com precisão a origem de cada exemplar, mas para alguns há pistas preciosas. O volume com as atas do importante congresso de Estrasburgo de 1923, por exemplos, foi doado pela família do ex-professor egresso da Politécnica paulista, o engenheiro João Florence de Ulhôa Cintra (1887-1944). No caso do *Traité* de Joyant, ambas edições, de 1923 e 1934, foram localizadas no acervo também com algumas pistas. O primeiro e o segundo tomo, encadernados em um único volume, compõem a biblioteca do arquiteto Ramos de Azevedo, conservada na Biblioteca Central da Politécnica.

Quadro 1. Manuais na biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo

Autor	Obra	Ano
Camilo Sitte	<i>L'art de bâtir les villes : notes et réflexions d'un architecte</i>	1902
Henry Inigo Triggs	<i>Town planning: past, present and possible</i>	1909
Thomas Mawson	<i>Civic art: studies in town planning, parks, boulevards and open spaces</i>	1911
Tony Garnier	<i>Une cité industrielle : étude pour le constructions des villes</i>	1917
Georg Ford	<i>L'urbanisme en pratique</i>	1920
Henry Crozat	<i>La cité ideale</i>	1920
Paul Jullerat	<i>L'Hygiène urbaine</i>	1921
Raymond Unwin, tradução: Léon Jaussely	<i>L'étude pratique des plans de villes</i>	1922
Jean Raymond	<i>L'Urbanisme à la portée de tous</i>	1925
A.-Agustin Rey, Justin Pidoux, Charles Barde	<i>Science des plans de villes : ses applications a la construction, a l'extension, a l'hygiène et a la beauté des villes, orientation solaire des habitations</i>	1928
Marcel Poëte	<i>Introduction à l'urbanisme</i>	1929
René Danger	<i>Cours d'urbanisme</i>	1933
Cesare Chiodi	<i>La città moderna</i>	1935
Bruno Schwan	<i>Stadtebau und wohnungswesen der Welt</i>	1935
Atas do congresso de Estrasburgo de 1923	<i>Où en est l'urbanisme en France et à l'étranger</i>	1923

Fonte: dados coletados pela autora.

PENSAR FORA DO EIXO

No conjunto, as obras parecem merecer destaque pela empreitada em curso: mesmo sem um espaço oficializado na formação entre os repertórios dos cursos para formação de engenheiros civis, engenheiros-arquitetos e engenheiros geógrafos, cursos vigentes na Politécnica no período, a pauta do urbanismo mobilizava esforços para manter suas referências atualizadas. Estava em debate tanto entre os profissionais especializados quanto no poder público, na imprensa e entre cidadãos mobilizados no debate da vida urbana percebida como cada dia mais complexa.²

A atenção ao *Traité d'urbanisme* de Édouard Joyant se justifica nesta breve análise por algumas circunstâncias: pelo fato de estar presente no acervo nas duas edições; por ser pouco citado ou assumido publicamente como lido (seria plausível considerar não ter sido de fato muito lido e utilizado, efetivamente); pela vigência como obra, sendo publicado em dois tomos em 1923, revisado e reeditado posteriormente em 1928 e 1934; pelos significativos percursos do engenheiro e das publicações que institucionalizam o campo do urbanismo; por ser o único manual entre todos do período a assumir a designação de tratado.

Considerando as inter-relações de cada um desses itens com as trajetórias dos estudos que tenho feito, sobre as referências em urbanismo e sobre a formação e atuação profissional no Brasil a partir do estabelecimento da Escola Politécnica em São Paulo em 1893, parece tratar-se de uma pesquisa e uma reflexão com muitos desdobramentos a serem perseguidos. Portanto, trata-se de um *meio do caminho*. Ainda assim, parece importante registrá-lo e levá-lo ao debate, como um retrato desses dois pontos que parecem convergir nas pesquisas agora – motivo também para situá-lo *no meio do volume* de textos aqui articulados.

4 UM PROFISSIONAL ENTRE PROJETOS

² Da lista de doações da biblioteca do engenheiro-arquiteto e também professor e egresso da Escola Alexandre Albuquerque (1880-1940) à Universidade de São Paulo-USP, em fase de incorporação aos acervos constam ainda: Gaston Bardet (*L'urbanisme*), Lincoln Continentino (*Saneamento e urbanismo - Belo Horizonte: S.N., 1937*), Cesare Chiodi (*La Città Moderna*), Angel Guido (*Reargentinizacion Edilicia por el Urbanismo*). Para a biblioteca, ver Caramori (2015). em estudo sobre a criação da biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e a constituição de seus acervos bibliográficos de arquitetura entre os anos de 1894 e 1928.

PENSAR FORA DO EIXO

É necessário localizar Joyant, cuja assinatura como Ed. Joyant continua gerando alguma confusão na historiografia, sendo frequentemente identificado como Edmond Joyant.³ A confusão não se aplica a sua trajetória, inequivocamente ligada a instituições cuja autoridade profissional é reconhecida, pelos contemporâneos e por pesquisadores posteriormente. Foi engenheiro *des Ponts et Chaussées*, professor de urbanismo na *École spéciale des travaux publics*, presidente *l'Association professionnelles des ingénieurs des ponts et chaussées et des mines*, membro da *Société Française de urbanisme (SFU)* e do comitê editor da revista *Urbanisme* – revista mensal de Urbanismo francês iniciada em 1932, inspetor geral de Obras Públicas, agente da diretoria de obras pública do protetorado do Marrocos, autor também de "Les travaux au Maroc pendant la guerre", 1918, e "Législation des plans d'aménagement au Maroc", 1921 (JELIDI, 2012). Joyant e seu manual são acolhidos como autoridades teóricas e sobretudo referencial de experiências práticas, reforçadas pela participação do profissional no projeto colonial liderada pelo marechal Hubert Lyautey (1854-1934) no norte da África, em Marrocos.

A revista *Urbanisme* certamente indica um caminho interessante para se explorar os significados que podem ter sido atribuídos às iniciativas do profissional.⁴ O periódico assume o lugar de principal autoridade no debate sobre o urbanismo na França, apoiada por praticamente todas as instituições organizadas para promover o desenvolvimento desse campo do conhecimento no país na época e patrocinada por autoridades como Georges Risler, presidente do *Musée social*, e o próprio marechal Lyautey, membro da *Académie française*, responsável pela maior parte dos planos de intervenção nos protetorados franceses no norte da África e presidente da comissão que organizou a Exposição Colonial Internacional de Paris em 1931.⁵ Segundo o editorial da revista, duas grandes instituições, o *Institut d'Histoire, de Géographie et d'Economie Urbaines de la Ville de Paris* e o *Musée social*, patrocinam a publicação, apoiada espontaneamente por cinco sociedades, a *Union des Villes et Communes de France*, a *Société Française des Urbanistes*, o *Institut International de l'Urbanisme*

³ Édouard Charles Louis Joyant (1872-1953), engenheiro geral de Ponts et Chaussées, casado com Louise Stéphanie Scelliers de Girors, filha de Louis Henri Georges Scelliers de Girors, Professor da École des Beaux Arts, arquiteto do senado e do Palácio de Luxemburgo, oficial da Légion d'Honneur e nomeado em 1896 arquiteto-chefe da exposição colonial na Exposição universal de 1900. Édouard Joyant era também irmão de Édouard Louis Maurice, advogado, editor de arte e co-fundador do Museu Toulouse-Lautrec. Entre os autores que atribuem o prenome de Edmond a Joyant estão Hodebert (2018), Cohen (2021) e Quintella (2015).

⁴ *Urbanisme – revue mensuelle de l'urbanisme français* (editada entre abril de 1932 e 1953 (interrompida entre 1948 e 1950).

⁵ Protagonista central do campo no período, patrono de honra do *Congrès international de l'Urbanisme aux colonies et dans les pays de latitude intertropicale* de 1931

PENSAR FORA DO EIXO

Colonial (fundado em Bruxelas, em 1894), a *Association Française pour l'Amélioration de l'Habitation* e a *Société des Diplômés de l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*.⁶

A revista enuncia nas primeiras páginas seu programa “baseado na difusão das ideias do urbanismo na França: remodelação racional da cidade, proteção das paisagens urbanas, melhoria das condições de vida e de habitabilidade nas aglomerações urbanas e rurais, tanto na Metrópole com nas colônias.” O lugar de autoridade na constituição do campo disciplinar, portanto, parece convergente com o lugar de autoridade do discurso e da prática nos protetorados e nas regiões coloniais, além de sincronizar e mesmo coordenar os espaços para escritos e para exposição de casos exemplares do nascente urbanismo exposto a essas mesmas autoridades. Joyant contribui com textos para a revista algumas vezes até os anos 1950.⁷ Os temas, em sua maioria com leituras práticas das questões urbanas, passam sobretudo por questões fundiárias como formas de intervir na dinâmica urbana a partir da propriedade – isso certamente abriria outro capítulo para entender os caminhos do urbanismo com Joyant. Mas até aqui, o alinhamento desses dados e circunstâncias já permite compreender algumas incontornáveis proximidades entre projetos disciplinares, profissionais, coloniais e editoriais.

5 UM MANUAL ENTRE URBANISMOS

Em meio a ponderações sobre a autoridade dos saberes e das práticas que se buscava mobilizar, há ainda uma questão a respeito das escolhas para se nomear a obra. Por que um tratado de urbanismo? No mesmo período, nenhuma outra obra, entre outras similares que buscavam

⁶ Urbanisme, n.2, mai 1932, p.3. A publicação é mantida sob o patrocínio do Marechal Lyautey (Académie Française), general Bourgeois (Académie des sciences et Service Géographique de l'Armée), professor Calmette (Institut Pasteur), E. Pontremoli (Fédération Française des sociétés des architectes), Henri Chardon (presidente de seção no Conselho de Estado), Georges Risler (presidente do Musée social), esses quatro últimos também membros do Institut d'histoire, de géographie et d'économie urbaine de la ville de Paris). E figuram entre os membros: Mm. D. Alf. Agache, André Bérard, Louis Bonnier, Pierre Bourdeix, Aug. Bruggeman, C. Chalumeau, René Danger, Louis Dausset, Raoul Dautry, Ad. Dervaux, Tony Garnier, Jacques Greber, Ernest Hebrard, Georges Hersent, Léon Jausse, Ed. Joyant, A. Knapen, Louis Lacroix, Jacques Lambert, Pierre Lavedan, Gustave Malette, Prof. E. Marchoux, Jos. Marrast, André Ménabréa, Paul Meyer-Lévy, Gaston Monsarrat, André Morizet, W. Oualid, Maurice Pillet, Marcel Poëte, Yv. Rambosson, Pierre Remaury, A. Aug. Rey, Camille Rosier, Georges Sebillé, Henri Sellier, Robert De Souza, Guillaume De Tarde, Leandre Vaillat, André Véra, E. Du Vivier De Streel – quase todos já visitados por esta reflexões nas pesquisas sobre o Congresso colonial de urbanismo de 1931, significativamente.

⁷ A revista mantém, ao menos até o n. 73, de dezembro de 1941, os mesmos propósitos e certa estabilidade de contribuições. Em edição especial dedicada às ações tidas como preliminares da reconstrução pós-guerra, ainda na vigência do conflito, Joyant escreve o prefácio sobre a pesquisa dos lotes de terra e sua redistribuição. Ainda prestigiado, está então aposentado como inspetor geral de Ponts et Chaussées.

PENSAR FORA DO EIXO

organizar e difundir os preceitos e as práticas do campo de apreensão e intervenção do urbanismo, assume explicitamente ser um tratado. Os títulos de outras obras não parecem atribuir a si mesmo este estatuto canônico, capaz de estabilizar a discussão no campo disciplinar. São títulos que parecem assumir a dúvida ou o debate: a arte de construir cidades, a prática ou a técnica de intervenção urbana, uma introdução, um estudo, um curso, e muito raramente um manual ou uma ciência do urbanismo. Nomear como arte, prática, técnica, introdução, estudo, curso, manual, pode sinalizar, de algum modo, assumir que se trata de um campo em construção, inclusive perante pessoal não especializado. Apenas Joyant nomeia seus dois volumes como tratado.

Divulgado na sessão bibliográfica da revista *L'Architecture e outros periódicos*, é destacado pelos “*exemplos concretos, desenhos e croquis, claramente apresentados.*”, não exatamente por alguma característica que possa distingui-lo como um tratado.⁸ O sumário remete, de fato, a um manual prático, reforçado pela correspondência do primeiro tomo com uma série exaustiva de exemplos ilustrados com numerosas plantas no segundo tomo. Não parece diferir de outros manuais, a não ser pela abrangência dos exemplos e a valorização da experiência nos protetorados franceses, com a reprodução de numerosos mapas e plantas também publicados no relatório de Joyer sobre os trabalhos do congresso de urbanismo colonial de 1931 (JOYER, op. cit. 1932). Eles se iniciam com Paris e terminam em Marrakesh. Vejamos o sumário e dados completos da obra:

Quadro 1:

Traité d'urbanisme	
Volume 1 :	
	Les voies publiques
	Les îlots
	Les carrefours
	Les places
	Jardins et parcs
	Les quartiers d'une ville
	La circulation
	Les transports
	Superficie des villes
	Législation
	Etablissement du plan d'aménagement
	Lois et règlements
Volume 2:	
	Paris
	Lyon
	Lille
	Strasbourg

⁸ *L'Architecture*, Vol. 37, no. 9, 10 mai 1924, vol. 38, n.6, 1925

PENSAR FORA DO EIXO

Reims
Belfort
Cités-jardins
Villages des régions dévastées
Casablanca
Rabat
Kenitra
Mechra-bel-Ksiri
Petit-Jean
Fès
Meknès
Marrakech

Dados retirados de: Édouard Joyant. *Traité d'urbanisme*. Librairie de l'enseignement technique Léon Eyrolles, éditeur 1923 [2ª ed. 1928 (v.1) e 1929 (v.2), 3ª ed. 1934]

Duas questões parecem saltar aos olhos, de imediato. Para um tratado, sem dúvida se apresenta como devidamente situado, com um vértice claro de força a garantir sua estabilidade. O repertório restrito a experiências nas quais um mundo francófilo pudesse se localizar – talvez espelhar? – não é, sem dúvida, uma estratégia editorial de menor importância, sobretudo se considerarmos o viés bastante pragmático da editora Eyrolles.⁹ O repertório, todavia, não apenas é seletivo como coloca em movimento uma concepção das relações entre os espaços e os agentes no mundo indisfarçavelmente hierárquica, entre excludente e tendenciosa. Imaginar que o contato com outras regiões e outros profissionais no mundo era então efetivo, real, constante, seja por meio de congressos e publicações, seja por meio de concursos, viagens e cursos formais, torna ainda mais desconfortável o sucesso do manual.¹⁰

A publicação do *Traité d'Urbanisme* de Joyant coincide com a realização, em Estrasburgo, do Congresso Internacional de Urbanismo e Higiene, coordenado pela SFU. Ambas as obras acabaram se configurando, de algum modo, como pedras angulares do urbanismo francês do período entre guerras e foram publicadas pela mesma editora, Eyrolles. No seu tratado, Joyant abordou as necessidades específicas dos engenheiros, oficiais e pessoal administrativo das colônias, "que, na maior parte das vezes, têm de criar, por sua própria iniciativa, centros urbanos rudimentares, cujo desenvolvimento futuro pode ser comprometido por um mau começo. Nos anais do congresso de Estrasburgo, Joyant também levou ao debate um balanço sobre a legislação urbanística – tema que

⁹ Oportunamente, será importante explorar a obra de Vacher e Guilherme comentada nesta resenha, pelas estratégias que mapeia de forma exaustiva (LEMBRÉ, 2018). Trata-se de uma editora que forneceu muitas obras para bibliotecas especializadas, como a da Politécnica paulista, pesquisada neste estudo.

¹⁰ Em direção similar, pensando a formação do campo do direito dedicado ao urbanismo, são interessantes os apontamentos de Robert Carvais (2005).

PENSAR FORA DO EIXO

esteve sempre presente e atualizado nas edições do livro: *Où en est la législation de l'urbanisme en France et à l'étranger, in Société française des urbanistes*.¹¹

Parece importante, para buscar avaliar as possíveis leituras da obra, além de considerar todas as formas de contato e intercâmbios vigentes, citar pontualmente algumas aproximações efetivadas no mesmo período da publicação das edições da obra. Por exemplo, Carlos María Della Paolera (1890-?), arquiteto argentino, teve contato com obra de Joyant, Poëte e Lavedan entre 1924 e 1927, quando estudou no Instituto superior de urbanismo sob orientação de Poëte, apresentando uma tese sobre um Plano para Buenos Aires. Em estudos sobre o contexto colombiano, Botti (2019) o localiza diretamente citado em 1930 na tese sobre a urbanização de Bogotá, de Gabriel Durana Camacho, futuro reitor da Universidad Nacional de Colombia, na qual são citados também Sitte, Dikansky e Corbusier.

Outra questão poderia ser trazida para a pauta, relativa ao repertório de exemplos citados no tratado. Se é similar, em parte, a outros trabalhos do período publicados na França, como por exemplo o *Cours d'Urbanisme* de Danger, de 1933, distancia-se muito do pioneiro manual de Unwin, que apresenta planos detalhados de Nuremberg, Rotemburgo, Colonia e os subúrbios-jardim de Hampstead e Letchworth. Uma comparação detida certamente traria questões novas tanto sobre o urbanismo quanto sobre o colonialismo no período, considerando as experiências francesa e inglesa e seus desdobramentos.

6 UM URBANISMO ENTRE IDEÁRIOS

Se o tratado de Joyant foi destacado nos anos 1920, nas décadas seguintes, alguns periódicos parecem assumir o protagonismo das pautas sempre dinâmicas e intensas do urbanismo. A revista *Urbanisme* é um exemplo importante. Como revista com periodicidade constante, apresenta todos os meses, para além dos seus artigos fundamentais sobre o urbanismo, documentação inédita de carácter técnico, administrativo, jurídico, social e sanitário sobre as cidades; estudos arqueológicos e turísticos, estudos sobre a evolução das cidades e planos de expansão das cidades reconhecidos

¹¹ Conforme estudos de Vacher (2002) sobre os projetos de Léon Eyrolles, e de Volait e Vacher (2000) sobre o que denominam projeção colonial e cidade racional, examinando a relação entre o espaço colonial e a constituição do urbanismo na França, entre 1900 e 1931. Analisa o papel do *Musée social*, da *Commission supérieure d'aménagement*, sinalizando a importância de se acompanhar a presença do "campo colonial em revistas especializadas e manuais dedicados a melhoramentos urbanos, demonstrando as fortes ligações entre a história da colonização e do urbanismo".

PENSAR FORA DO EIXO

como de interesse público, desenvolvimentos regionais ou de realizações urbanas na França e no estrangeiro; publica edifícios e construções públicas, habitação econômica, cidades-jardim etc.; fornece informações sobre a vida das cidades e comunas, auxilia os municípios na sua delicada tarefa de administração, expõe os seus projetos, as suas obras públicas, os grandes concursos públicos; informa sobre congressos exposições etc.

É significativo notar como o formato das publicações e os modos de difusão parecem se movimentar de maneira muito menos dinâmica que as pautas e, sobretudo, menos dinâmica que as concepções que conduzem. Nesta parte de uma pesquisa mais abrangente, sobre como teorias e formas urbanas são constituídas em meio ao debate alimentado por práticas e demandas crescentes na esfera urbana, a análise do material organizado nos tratados e nos cursos de urbanismo dos anos 1920 e 1930 aponta para direções diferentes da imaginada inicialmente.

Um tratado de urbanismo, no trânsito de concepções e práticas do urbanismo nesse período, parece estar distante de qualquer prestígio canônico ou mesmo referencial mais estável. O conteúdo mesmo se aproxima mais de um guia circunstancial, de um manual instrutivo, configurado em torno de alguns princípios gerais e uma série de iniciativas práticas. Diferente do que se possa supor, sua grande circulação sinaliza mais o caráter pragmático da obra e a finalidade igualmente pragmática da consulta que a busca pela difusão de referenciais estáveis. Com o repertório de exemplos e a hierarquia a ele subjacente, o que se estabiliza e confirma, na verdade, é o lugar referencial das iniciativas que se assumem como preferencialmente difusores de conhecimentos e práticas. Nesse sentido, não pode passar despercebido o entrecruzamento entre os percursos de Joyant e do tratado, ou então admitiríamos termos naturalizado inteiramente a estreita ligação de ambos com os domínios coloniais – conserva-se aqui a ambivalência da palavra *domínio*.

Trata-se, pois, de uma pauta situada com precisão. Ela quer abrir espaço para o que se coloca antes da pesquisa, na grande energia mobilizada para conduzir o urbanismo eficientemente à vida nas colônias, ainda que isso pudesse significar aprendizados reiterados de segregação e sujeição. Quer também estender o olhar para as dinâmicas da vida urbana nos espaços em que o tratado não encontrou colonizados, propriamente ditos. Seria um próximo passo entender como e em que níveis de detalhamento e de instrução essas distinções estão assinaladas, além de atentarmos para como se fazem visíveis e/ou insidiosas.

Ao focalizar algumas matrizes coercitivas e alguns matizes colonizadores nessas publicações, busca-se, portanto, problematizar as articulações entre pensar, enunciar, fazer e prescrever em

PENSAR FORA DO EIXO

urbanismo em escala transatlântica. Articulação entre pensar, enunciar, fazer e prescrever o urbanismo, arte urbana – esforço de síntese entre práticas em uso e a definição de um campo de reflexão e ação capaz de articular distintas dimensões de um ordenamento espacial e social – organização racional da cidade.

Nas prateleiras das bibliotecas especializadas, ao lado de outras obras, muitas vezes em contextos discrepantes em relação aos espaços em que foram originalmente pensadas, as referências teóricas e práticas do urbanismo em construção podem compor com muitas outras pautas. É significativo perceber, a partir desses apontamentos, o lugar dessas obras também nas bibliotecas dos estudos urbanos, em perspectiva histórica. Unwin, por exemplo, embora igualmente inserido em diferenças reais das culturas políticas e urbanas, como assinalou Frey (2012), tem recorrente espaço em debates sobre a permanência de alguns referenciais como aqueles da cidade-jardim, entre outros. Ao lado dele, no repertório das leituras profissionais, um tratado com perfil exemplar e prescritivo como o de Joyant, presente em diversas bibliotecas, dificilmente passou despercebido ao campo disciplinar do urbanismo. O fato de não ser recorrente como autoridade nos textos e nos debates não deixa de nos indagar, sobretudo considerando não apenas as diferenças reais das culturas políticas e urbanas que testemunha, mas também as indiferenças que sugere.

Não podem ser entendidos como neutros esses movimentos. Dizem respeito a algo bastante significativo ao se pautar um debate sobre o urbanismo, considerando-o como um campo disciplinar fortemente inserido em aspectos práticos e tangíveis da vida urbana e, ao mesmo tempo, um saber que se articulou a domínios mais abrangentes, como certo universalismo aliado a numerosas práticas colonialistas. Não é algo que deveria passar despercebido: um tratado de urbanismo, capaz de ser traduzido e compreendido em distintos modos de organização social e política, é difundido e se encontra entre os acervos de nossas bibliotecas constituídas no esforço para articular um projeto de modernidade e de país. Caberia, diante desses elementos e desse enquadramento, perguntar não mais o que torna possível traduzir pensamentos, conceitos, diagnósticos e modos de intervir em cidades na forma de diagnósticos e propostas aplicáveis universalmente, mas o que é possível traduzir nesses moldes.

REFERÊNCIAS

PENSAR FORA DO EIXO

BARDET, Gaston. **Problèmes d'Urbanisme**. Paris : Dunod, 1948

BOTTI, Giaime. Entre luchas gremiales y modelos internacionales (1920-1947). El discurso sobre el urbanismo en Colombia. **Bitácora Urbano Territorial**. vol.29 no.3 Bogotá Sep./Dec. 2019 <https://revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/65835/XML>

CARAMORI, Leonardo Capelossi. *A biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e seus acervos de engenharia civil e arquitetura entre 1894 e 1928*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-03122015-142712. Acesso em: 1 jan.2018

CARVAIS, Robert « L'ancien droit de l'urbanisme et ses composantes constructive et architecturale, socle d'un nouvel « ars » urbain aux XVIIe et XVIIIe siècles. Jalons pour une histoire totale du droit de l'urbanisme », *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2005/1 (no 12), p. 17-54. DOI : 10.3917/rhsh.012.0017. URL : <https://www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2005-1-page-17.htm>

CLÉMENÇON, Anne-Sophie, « Une traduction inédite du livre de Raymond Unwin (1909) par Henri Sellier : un événement dans le monde de l'urbanisme », **Géocarrefour** [En ligne], vol. 89/4 | 2014, acesso em 05.abr.2020. URL : <http://journals.openedition.org/geocarrefour/8795> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/geocarrefour.8795>.

COHEN, Jean-Louis. Casablanca la juive : Public and Private Architecture 1912-1960 in *From the Other Shore: Transnational Jewish Journeys Along Africa's Shores*, ed. Marie-Pierre Ulloa, Quest. Issues in Contemporary Jewish History. Journal of the Fondazione CDEC, n. 19, June 2021 URL: <https://www.quest-cdecjournal.it/casablanca-la-juive-public-and-private-architecture-1912-1960/> DOI: 10.48248/issn.2037-741X/12572.

DANGER, René. **Cours d'Urbanisme**. Paris : Léon Eyrolles, 1933.

FREY, Jean-Pierre. « Henri Sellier, Raymond Unwin et l'urbanisme : Les enjeux épistémologiques d'une traduction ». **Histoire urbaine**, 2013/2 n° 37, 2013. p.125-148. CAIRN.INFO, shs.cairn.info/revue-histoire-urbaine-2013-2-page-125?lang=fr.

HODEBERT, Laurent. Henri Prost et le projet d'architecture du sol urbain, 1910-1959. **Art et histoire de l'art**. Université Grenoble Alpes, 2018. Français. NNT : 2018.

JELIDI, Charlotte. Introduction. **Fès, la fabrication d'une ville nouvelle (1912-1956)**. By Jelidi. Lyon : ENS Éditions, 2012. (pp. 6-18) Web. <http://books.openedition.org/enseditions/967>

JOYANT, Édouard. **Traité d'urbanisme**. Librairie de l'enseignement technique Léon Eyrolles, éditeur 1923 [2ª ed. 1928 (v.1) e 1929 (v.2), 3ª ed. 1934].

LE CORBUSIER. **Propos d'Urbanisme**. Éditions Bourrellet et Cie., 1948.

LEMBRÉ, Stéphane « Hélène Vacher et André Guillerme, L'Essor de l'École Eyrolles au xx^e siècle. Technologies, professions et territoires », **Artefact**, 7 | 2018, 314-317.

MISSIONS D'URBANISME ET D'HABITAT, Secretariat des (França). **Manuel d'Urbanisme en Pays Tropical**. Min. Coopérations et aménagement, Sec. Missions Urb. Habitat, 1977-1982 - v. 1:

PENSAR FORA DO EIXO

L'Habitat, v. 2: Artisanat, équipements commerciaux, v. 3: Le Découpage parcellaire, v.6 Les équipements urbains.

QUINTELLA, Ivvy Pessôa. **Arte urbana**: projeto e estética na escola francesa de urbanismo/Ivvy Pessôa Quintella. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2015.

UNWIN, Raymond. **L'étude pratique des plans de villes** : introduction à l'art de dessiner les plans d'aménagement et d'extension, présentée par Jean-Pierre Frey. Marseille, Ed. Parenthèses, Collection Eupalinos, série Architecture et Urbanisme, 2012.

UNWIN, Raymond. **Études pratiques des plans de villes** : introduction a l'art de dessiner les plans aménagement et d'extesion (revue par Leon Jaussely, avec 300 ill.). Librairie Centrale des Beaux-arts, 1922.

VACHER, Hélène. **Building the modern city**: planners and planning expertise at Léon Eyrolles' Ecole Spéciale des Travaux Publics, 1898–1939. Planning Perspectives, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 41–60, 2002. DOI 10.1080/02665430110093262. Acesso em: 30 jan. 2023.

VOLAIT, Mercedes; VACHER, Hélène. **Projection colonial et ville rationalisée** : le rôle de l'espace colonial dans la constitution de l'urbanisme en France, 1900-1931. 2000.

*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2019/02384-7.